

mesmo e possuir o mesmo significado, apresentavam diferenças nos parâmetros, como a alternância na locação, movimento e direção. Pensando nisso, foi elaborada esta pesquisa com o objetivo de investigar tais variações fazem parte da língua. Assim, convidei 11 surdos para a realização desta pesquisa a fim de comprovar se a alternância dos parâmetros prejudica ou interferem de algum modo na comunicação em Libras, ou se a variação é um processo natural desta Língua, não havendo interferência na comunicação entre os sujeitos.

2. A HISTÓRIA DOS SURDOS

Antigamente a sociedade acreditava que surdo não era capaz de se desenvolver dentro de uma sociedade, que jamais seriam sujeitos autônomos, críticos capazes de expressar suas ideias e pensamentos. Acreditava-se que não valia a pena incluir o surdo em um ambiente de aprendizado, pois ele não teria condições de aprender. Com o tempo, barreiras foram quebradas e muitos pesquisadores conseguiram, de certa forma, reverter esse quadro. Dentre eles, o professor francês Charles Michael L'epée deu início as suas pesquisas ensinando surdos com estratégias de ensino através da datilologia, gestos, mímicas e contextualizando palavras.

L'epée ao presenciar dois surdos se comunicando em gestos realizados no corpo e espaço, e se utilizando, também, de expressões faciais, ficou instigado e resolveu acolher tais surdos para uma pesquisa, assim, desenvolvendo uma própria linguagem gestual para surdos, que começou a ser divulgado mundialmente, até o momento da criação da primeira escola no mundo, o Instituto de Surdos-mudos, na França.

Com a divulgação novos métodos na educação dos surdos, novos professores foram capacitados, dentre eles o professor Francês E. Huet, que convidado pelo Imperador Dom Pedro II, veio ao Brasil - mais especificamente no Rio de Janeiro – para iniciar o ensino e a educação para os surdos brasileiros. Seu trabalho foi de tamanha relevância que foi criado em 1855 o então chamado Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, tornando-se referência no Brasil.

Adiante, em 1880 houve o famoso congresso de Milão, onde médicos se reuniram e votaram na proibição do uso e ensino da Língua de Sinais, sendo os antigos professores demitidos e sendo substituídos por professores de metodologia oralista. Nesta fase houve muito sofrimento, surdos foram alvos de experiências brutais. “Com a inadequação dos surdos ao método oralista, houve novas propostas de educação aos surdos, pois esta em nada estava adiantando.”

Após anos de luta, a comunidade surda conseguiu o que tanto almejava: a legalização do uso e ensino da Língua de Sinais, por meados de 1980. O próximo passo era a legalização para a oficialização de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que veio a ocorrer no ano de 2002 com a Lei de nº 10.436 de 24 de abril, posteriormente regulamentada pelo decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Assim consta no Artigo 3º Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Assim com a obrigatoriedade das disciplinas disseminou o ensino da Língua de Sinais. Após essa breve contextualização acerca da história dos surdos, percebe-se que é possível vivermos em um mesmo ambiente com duas línguas, a Libras e o Português.

Hoje o desequilíbrio que há entre as duas línguas é a pesquisa, pois a Libras ainda é uma Língua recente e carente de pesquisas, porém, com o tempo esse quadro será revertido e a Língua de Sinais terá seu total reconhecimento.

2.1A LÍNGUA E A LINGUAGEM

Ao tratarmos de Língua, no Brasil temos a Língua Portuguesa como a língua oficial de modalidade oral-auditiva, com suas estruturas e regras gramaticais. Mesmo a Língua Portuguesa sendo a língua oficial do Brasil, os sujeitos surdos temem quanto sua segunda língua. E tendo como primeira, a Língua Brasileira de Sinais, língua esta que também tem suas especificidades linguísticas, como regras e estrutura.

A grande diferença entre as duas é a vastidão de pesquisas em Língua Portuguesa, e a carência, ainda, de pesquisa e expansão da Libras. Assim, ao se fazer uma análise linguística, devemos antes saber o seu conceito, neste caso, o que é uma Língua? De acordo com Saussure, a Língua é um sistema de signos linguísticos arbitrários, constituído dentro de uma sociedade; um signo se constitui da relação entre Significante – a imagem acústica, seleção e combinação entre os elementos linguísticos, e o Significado – o conceito ideológico da coisa. Assim como na língua Portuguesa temos uma palavra – signo, dotado de significante e significado, em Libras temos o Sinal – signo.

Portanto, há uma íngreme diferença entre Língua e Linguagem; a Língua é regida por regras e estruturas de organização, diferente da Linguagem que se utiliza apenas de

elementos desestruturados, aquilo que serve para comunicar, como gestos, direção dos olhos, sons e etc. A linguagem dentro de um contexto pode alcançar a mesma dimensão que a língua, e a partir dela o sujeito também pode expressar seu estado e sentimentos, assim como o sistema de signos. De acordo com (Quadros, 2009), não há como separar a Língua da Linguagem, pois elas estão interligadas, a linguagem está dentro da Língua, completando-a.

Por isso a Linguística da Língua de Sinais refere a Libras enquanto uma língua natural, em que seus usuários são capazes de conseguir expressar seus pensamentos, ideias, críticas, fazendo parte de todo o sistema linguístico estruturado. Apesar da expansão da Libras hoje, muitos ainda acreditam que a surdez é uma patologia que impede o sujeito de aprender, se desenvolver e se comunicar com a sociedade, é por isso que Stokoe (1960) nos serve de referência, por ele acreditou e provou que os surdos poderiam também expressar seus sentimentos, criticar e se comunicar, estruturar frases, criar novos sinais, expressar seus sentimentos a partir de um sistema linguístico perfeito. (QUADROS, KARNOPP 2004, p.30).

2.2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A variação linguística é resultado da influência histórica de cada geração, de acontecimentos gerados através da língua pela sociedade. A língua evoluiu e as evidências podem ser vistas nas variações, tanto pela história, região e sociedade. A mudança histórica se dá pelo tempo, palavras que se modificam com o tempo, como por exemplo, a palavra “Você” – antigamente era “Vossa mercê”, e que ao longo do tempo foi modificada se reduzindo apenas a “você”.

Em Libras na variação regional há vários sinais com o mesmo significado. Um exemplo disso em Português é a palavra “mandioca”, que, dependendo da região do país, ela pode ter nomes diferentes, como macaxeira; a palavra pode mudar, porém, o significado é o mesmo. Temos também os casos em que a palavra é a mesma e o significado se difere.

Este caso de regionalismo não é exclusividade da Língua Portuguesa, pois em Libras também há essas ocorrências, como no sinal de “Verde”, há duas formas de sinalizá-lo, e o uso das duas formas depende da região. E temos a variação social, em que as mudanças estão nos grupos sociais, na forma de sinalizarem, como por exemplo, o grupo dos idosos – os sinais deles, a forma de pensarem e sinalizar se difere do grupo dos

adolescentes. Todos os usuários da mesma língua, porém, a forma com que executa os sinais, e a variedade é diferente, como afirma Felipe, 1990:

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (FELIPE, 1990, p. 81).

Então, a variação linguística está inserida em cada lugar, sendo de cada estado tem suas próprias variações. Os dialetos, usados por grupos de surdos que pesquisadas por Strobel em diferentes regiões por regiões do Brasil, provando que cada região tem diferenças, mas que já havia sido convencionadas por surdos, fenômenos que ocorrem bem como nos exemplos: Sul, o sinal de MÃE que tem configuração de mão nº 14 tocando no nariz representando a palavra MÃE, já no Centro-Oeste é representado pelo sinal MULHER+BENÇÃO. Veja que são sinais diferentes, mas com significados iguais. As diferenças regionais é variação linguística de cada estado.

Strobel e Fernandes (1998) nos apresenta sobre variações linguísticas na LSB “maioria no mundo, há pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades “surdas”. Segundo Strobel e Fernandes (1990) a LSB apresenta dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais, o seu caráter de língua natural.” (JÚNIOR, 2011, p. 56, 57).

No caso da Língua de Sinais, primeiro a família é ouvinte e o filho é surdo, a família não sabe Língua de Sinais. Consequentemente esta criança aprende tardiamente a Língua de Sinais. No segundo caso os pais são surdos e o filho também nasce surdo, a criança consegue se desenvolver mais rapidamente em sua língua materna.

No terceiro, a família é ouvinte com um filho surdo – neste caso, a família já tem o conhecimento da Língua de Sinais, portanto a criança pode aprender antecipadamente ou tardiamente. E este foi o motivo de eu ter escolhido os onze surdos para esta pesquisa, não sei quais foram as condições em que tais sujeitos aprenderam libras, se tardiamente, se suas famílias têm o conhecimento de Libras, se aprenderam Língua de sinais fora de casa. Em todos os casos foi necessário do contato direto para se aprender a Libras. Tradução do autor (JÚNIOR, 2011, p. 52-55).

3.0 ANÁLISE E CONCLUSÃO

A temática para esta pesquisa se deu quando eu estava ensinando Libras para alunos ouvinte, e mostrei um vídeo em Libras que continha o verbo "trabalhar", e houve uma discussão; os alunos questionaram a diferença entre o verbo no "trabalhar", dicionário com o verbo no vídeo. Neste momento percebi que seria um ótimo tema para esse artigo. Assim, pensei em criar uma frase que tivesse o sinal de "trabalhar", pois queria saber qual a forma que se usava mais frequente os sinais, quais eram as formas menos usadas, etc.

Com muita pesquisa e estudo do material teórico, resolvi analisar professores surdos que ensinam Língua de Sinais. Escolhi onze surdos que trabalham na área do ensino de Libras, expliquei a eles que era uma pesquisa, e pedi que assinassem o termo de autorização.

Assinados, criei duas frases, uma com o sinal detrabalhar sem intensidade (1. O meu amigo gosta de "trabalhar") e segunda com intensidade. (2. Ontem eu estava muito cansado, porque acordei de manhã e trabalhei o dia todo) – e pedi para cada um interpretar as duas frases - totalizando vinte e duas ao final. Pensei nessas frases por serem simples no português, para que eles não ficassem em dúvida. Em uma sala de filmagem entrava um de cada vez, sem que um assista a filmagem um do outro.

Das vinte e duas frases filmadas, o mesmo sinal do verbo "trabalhar" foi realizado de seis formas diferentes. Em todos os casos houve mudança em algum dos parâmetros, dentre os principais - locação e movimento. Ou outros continuaram iguais, como por exemplo, a configuração de mão. A variação Linguística é uma realidade, os sinais podem variar e se desgarrar das regras de uso.

Essa pesquisa foi muito válida no estudo da Variação Linguística da Língua Brasileira de Sinais. Saber que o processo de aquisição da Linguagem pode ou não interferir nos estudos, no crescimento. A variedade existe e pode ser vista mesmo em professores do ensino de língua materna. Não existe uma pessoa que fale tudo de acordo com a regra, não existe um "falante ideal", como afirma Santana, (2007)

(...) questiona que se não há língua portuguesa "ideal" nem falantes "puros", por que teríamos língua de sinais "pura"? Tem-se discutindo a língua de sinais como se fosse uma língua homogênea – "A língua dos Surdos". (JUNIOR, 2011. p. 51)

Cada sujeito possui sua própria individualidade, não existe ninguém que consiga falar formalmente de maneira perfeita, pois a perfeição, a pureza não existe, a língua não é homogênea, é coletiva e social e isso também deve ser respeitado.

4.0 OBRAS CITADAS

AZEREDO, Eduardo. Senado Federal. **Língua brasileira de sinais “Uma conquista histórica”**. Em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/pessoa_com_deficiencia/arquivos/Libras_Uma_conquista_historica.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

CASTRO JR, Gláucio de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico**. Instituto de Letras. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Programa de pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília – UNB. Em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_Gl%C3%A1uciodeCastroJ%C3%BAnior.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

MATOS, Denilson P.; SAÚDE, Conceição de M. C. **Refletindo sobre libras a partir de conteúdo de aulas de teorias linguísticas em curso de graduação de letras/libras**. Em: <<http://www.revel.inf.br/files/37a9fae415acce35cae08bad77784a74.pdf>>. Acesso em 24/02/2014.

PIMENTA, Nelson e QUADROS Ronice Muller. **Curso de Libras 3**. Rio de Janeiro: LSB Video 2011.

QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira:**

Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004

REVISTA BRASILEIRA DE VÍDEO REGISTROS EM LIBRAS. **Normas de publicação**. Em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/normas-de-publicacao/>>. Acesso em 24/02/2014

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 27. Ed. – São Paulo: Cultrix 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Em: <http://www.cultura-sorda.eu/resources/Aspectos_linguisticos_LIBRAS.pdf>. Acesso em 20/02/2014.

Revista
Diálogos